

Tudo depende do déficit orçamentário dos EUA, afirma Mário Simonsen

por Pedro Cafardo
de São Paulo

Se as exportações brasileiras crescessem 12% ao ano e o País pudesse dedicar sempre 25% dessa receita comercial para o pagamento do serviço da dívida, como está fazendo neste ano, liquidaria totalmente a dívida em apenas dezesseis anos. O ex-ministro da Fazenda e do Planejamento, Mário Henrique Simonsen, fez esse "exercício matemático, ontem em São Paulo, para mostrar que a solução para a dívida externa brasileira, como de resto da dos demais países em desenvolvimento, depende unicamente da relação entre as taxas de crescimento de exportações e as taxas de juros internacionais.

No exercício hipotético, Simonsen considerou que as taxas de juros internacionais ficariam estabilizadas em 12% ao ano. Ele acha, porém, que nas atuais condições não há nenhuma garantia de que isso venha a ocorrer — ainda ontem a "primerate" foi elevada em 0,5% —, devido ao grande déficit fiscal norte-americano.

"Tudo na economia mundial depende em última análise do que vai acontecer com esse enorme défi-

cit", disse Simonsen ontem, durante palestra a um grupo de banqueiros na Federação Nacional das Associações de Bancos (Fenaban), em São Paulo. Se o déficit não for reduzido, e isso implicaria aumento de impostos nos Estados Unidos, não há nenhuma condição de prever estabilização no mercado financeiro internacional.

Ao final da palestra do ex-ministro, o economista Paulo Rabello de Castro, da FGV-RJ, disse que Simonsen mostrou quão irreal é o otimismo com que vem sendo tratada a questão do acerto das contas externas brasileiras após o fechamento do pacote financeiro no início deste ano. Para Rabello de Castro, o maior problema estrutural brasileiro continua sendo o da rolagem da dívida externa.

"A primeira parte do jogo já foi jogada", afirmou Rabello de Castro: foi uma época, desde fins de 1982 até agora, em que os países devedores acumularam grandes perdas, muitos deles sendo afetados por graves recessões e desemprego. Agora, acrescentou o economista, "é a hora de os credores de os contribuintes norte-americanos perderem alguma coisa".